

Os segredos do Dia “D”

Aureliano Pinto de Moura^a

Resumo: Em 6 de junho de 1944 os Aliados lançaram, nas praias da Normandia francesa, a maior operação anfíbia jamais realizada, sob o codinome de *Overlord*. O Dia “D”, como ficou conhecido o desembarque das forças dos EUA, Grã-Bretanha e Canadá, foi precedido de uma série de medidas de planejamento, logísticas, de inteligência e operacionais, que viabilizaram o sucesso da operação. Este artigo realiza uma análise dessas medidas que possibilitaram o começo do fim da 2ª Guerra Mundial na Europa.

Palavras-chave: 2ª Guerra Mundial, Inteligência, Operações anfíbias.

ANTECEDENTES

No dia 1º de setembro de 1939, as tropas alemãs invadiram a Polônia, dando início à 2ª Guerra Mundial. Reflexos das imposições do Tratado de Versalhes, após 1ª Guerra, que levou a Alemanha a um colapso econômico e a uma crise política que alçou Adolf Hitler à liderança do Partido Nazista.

Em seu manifesto político, através do livro *Mein Kampf*, Adolf Hitler já se referia à Grande Alemanha (*Gro deutschland*) e da necessidade de sua expansão territorial em direção ao leste europeu. Tudo em benefício do povo alemão.

Quando já no poder, celebrou um pacto de não agressão com a União Soviética (URSS) por meio de um protocolo secreto, assinado

^a General de Divisão Médico. Presidente do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.



em agosto de 1939, pelo qual dividiriam a Polônia, entre si. A invasão da Polônia levou a Grã-Bretanha e a França a declararem guerra à Alemanha, conforme os tratados assinados com aquele país. Naquele momento, entretanto, pouco ou nada poderiam fazer em defesa da Polônia.

Ocupada a Polônia, Adolf Hitler voltou-se para o ocidente, ocupando a Dinamarca e a Noruega, seguindo-se a Holanda, a Bélgica e a França. No início de junho de 1940, em um lance inusitado, uma força expedicionária britânica desembarcou no norte da França, mas logo foi obrigada a evacuar o território ocupado, na região de Dunquerque, além de sofrer intensos bombardeios ao sul da Inglaterra. Alinhando-se com a Alemanha, a Itália, de Mussolini, declarou guerra à Grã-Bretanha e à França.

Após terem derrotado os franceses, em 14 de junho os alemães entraram em Paris e levaram a França a assinar um humilhante armistício, no dia 22, do mesmo mês.

Surgiu, então, a Resistência Francesa e as Forças Francesas Livres, comandada por Charles de Gaulle.

Tudo indicava uma breve invasão à Inglaterra, por meio da Operação *Seelöwe* (Leão Marinho), um ataque anfíbio a ser desencadeado após a obtenção do controle aéreo nos céus das Ilhas Britânicas. Iniciava-se a Batalha da Inglaterra, onde a aviação alemã, contando com uma força aérea maior e em melhores condições, inicialmente levou vantagem sobre a Real Força Aérea britânica (RAF). Enquanto os ingleses lutavam como podiam e com o que possuíam, os alemães iniciaram os bombardeios de aeroportos e instalações de radar, vislumbrando uma breve derrota britânica.

No início de setembro, para surpresa alemã, os britânicos bombardearam Berlim, levando Adolf Hitler a ordenar, como retaliação, o ataque aéreo às cidades britânicas, deixando de lado os aeródromos. Isso permitiu a recuperação da RAF, que voltou a abater os aviões alemães, cujas fábricas não conse-



guiam mais manter o fluxo de produção de aviões de combate conforme desejavam.

A Batalha da Inglaterra foi vencida pelos britânicos após Hitler cancelar a Operação *Seelöwe*, que deixou de existir. Após Dunquerque, Hitler aliviou um pouco os ataques aéreos à Inglaterra, na esperança de um futuro acordo com Londres, pois tinha como objetivo principal atacar a União Soviética. Durante esse período a Inglaterra não lutou sozinha. Contou com Canadá, Austrália, Nova Zelândia, África do Sul e Índia, que entraram no conflito. O grande problema britânico era suprimento e os navios para transportá-los.

A Marinha Alemã mantinha-se alerta, na Batalha do Atlântico, com os seus *U-boats* em plena atividade. Só em 1942, 2.232 navios foram afundados pelos alemães. Com a guerra confinada praticamente ao norte da África, o objetivo britânico era defender o Egito e o Canal de Suez, além de libertar a Abissínia de Hailê Salassiê, que havia sido invadida pelos italianos, e devolver-lhe o trono.

A VIRADA DA GUERRA

Em 22 de junho de 1941, quando a URSS foi invadida pelos alemães, a sorte na guerra começou a mudar favorecendo aos britânicos. Londres ganhava, naquele momento, um aliado, de grande potencial humano. No dia seguinte à invasão, Stalin propôs a Churchill criar uma “segunda frente”, visando desviar a pressão alemã no leste europeu. Churchill naquele momento apenas enviou suprimentos aos soviéticos, mas, em agosto, os britânicos, conjuntamente com os soviéticos, invadiram o Irã, dividindo-o entre eles.

No final do ano, em 7 de dezembro, os japoneses atacaram Pearl Harbor, levando os Estados Unidos (EUA) a declararem guerra não só contra o Japão, mas também contra Alemanha e Itália. Até então, o pensamento norte-americano era não se envolver na guerra, apesar de que, desde 1940, já vinha enviando navios, com munição, alimento e outros itens, à Grã-Bretanha, sem a preocupação de ressarcimento. E,



através dela, a pedido de Churchill, supria também a União Soviética, com algum suprimento, inclusive tanques e aviões.

Roosevelt tinha consciência de que seu país não poderia permanecer neutro e, por isso, já havia acertado com Churchill de que o objetivo principal era vencer a Alemanha, enquanto o Japão ficaria para depois, conforme sugestão do primeiro-ministro britânico.

Desde a Conferência de Washington, realizada em 31 de dezembro de 1941, Roosevelt já havia se comprometido com Londres, para realizar um desembarque na Europa, através do canal, começando o planejamento de uma invasão ao norte da França.

Após Pearl Harbor e Midway, em junho de 1942, os Estados Unidos voltaram o seu esforço, quase todo em direção à frente ocidental. Churchill ainda se mostrava sob efeitos do desastre na invasão em Dieppe, onde apenas 2.500 homens retornaram de uma tropa de 6.000 soldados que lá estiveram em reconhecimento em força, no território francês. Sabia que era importante a

invasão da França, não só para os britânicos, como para norte-americanos e soviéticos.

Inicialmente partiram para uma operação conjunta (Operação Torcha), envolvendo americanos e britânicos, com o desembarque no Marrocos e na Argélia, que levou a derrota de Rommel, no norte da África. A partir de então, os olhares se voltaram para o sul da Europa.

A “MURALHA DO ATLÂNTICO”

Era importante para os alemães o controle das rotas marítimas de acesso ao Canal da Mancha, o que fez a Marinha alemã instalar várias baterias de canhões de longo alcance no Passo de Calais, capazes de bombardear a costa sul da Inglaterra, nas áreas de desembarques possíveis. Enquanto o Exército instalava os seus canhões na costa francesa, sob ordem direta do *führer*. Essas baterias foram cobertas com espessas casamatas de concreto. Ao final de agosto de 1940, estavam instaladas



30 baterias da Marinha e 42 do Exército.

Após a derrota alemã, na Operação *Seelöwe*, Hitler abandonou a ideia de invadir as ilhas britânicas e voltou-se para a Frente Oriental, assim como fez partirem os submarinos de portos franceses à caça de navios aliados. Pretendia derrotar os britânicos pela fome e acreditava que a derrota soviética levaria a Grã-Bretanha cair por si só.

As fortificações alemãs iniciavam em Narvik, ao norte da Noruega, e terminavam na fronteira franco-espanhola, mantendo seus portos reforçados no Mar do Norte, que até então estavam despojados de sua defesa pelo Tratado de Versalhes. Ao norte da França, quinze baterias holandesas protegiam seus acessos, enquanto as ilhas britânicas do Canal, ocupadas pelos alemães, foram fortificadas.

Com a entrada dos Estados Unidos na guerra, tudo mudou para os alemães. A invasão da Grã-Bretanha tornara-se impossível e toda a costa normanda passou a estar vulnerável a possível ataque aliado, no exato momento em que o Alto Comando

alemão percebeu que a Frente Ocidental era estática, levando à construção da “Muralha do Atlântico”, por ordem pessoal do *führer*. O ataque a Dieppe alertara os alemães para as intenções dos aliados, levando Hitler a ordenar a construção da “Fortaleza Europa” e da “Muralha do Atlântico”.

Em 29 de setembro, Hitler convocou reunião para discutir a defesa da Frente Ocidental. Sua intenção era construir uma grande muralha de concreto, iniciando-se do Círculo Polar Ártico, ao norte, até os Pireneus, no Sul. Seriam instalados 150.000 postos fortificados, a serem ocupados por 300.000 homens. Esperava contar com o muro até março de 1943 e, para isso, convocara a Organização Todt, que projetara a Linha Siegfried. Contudo, nessa data, a “Muralha” ainda não estava pronta e os bombardeios aliados atrasavam as suas obras.

O marechal Von Rundstedt, comandante da Frente Oriental, defendia a importância da “Grande Muralha”, em uma antevisão da Alemanha vir a enfrentar uma guerra em



duas frentes, como Adolf Hitler tinha consciência do risco que corriam de uma invasão aliada na costa Atlântica. O escolhido para comandar as tropas empenhadas nessas defesas foi o General Erwin von Rommel, veterano da guerra na África. Ao inspecionar as muralhas, Rommel, percebeu que apenas 30% das obras estavam concluídas, face à prioridade dada para a construção dos lançadores das bombas voadoras V-2. Diante dos fatos Rommel ordenou a instalação de grande quantidade de obstáculos entre as fortificações já existentes, para reforçar as praias expostas. Para Rommel, a guerra seria ganha ou perdida nas praias, da Normandia. “As primeiras 24 horas da invasão serão decisivas [...] esse será o mais longo dos dias.”

As dissimulações do Comando Aliado levavam Hitler imaginar a invasão através do Estreito de Dover, o ponto mais próximo da costa inglesa, fazendo reforçar a defesa ao longo do Passo de Calais.

A estratégia da *blitzkrieg*, era baseada no movimento rápido, com colunas blindadas flanqueando e ultrapassando o inimigo, contando

com apoio aéreo, que castigava os pontos fortificados. Restava aos alemães operar com base em uma defesa estática, com suas tropas atacando em um ponto da linha de defesa, para rompê-la e permitir o seu avanço pelas brechas, e investir contra os defensores, pela retaguarda.

A partir de 1941, Hitler assumiu pessoalmente o comando das operações, negando aos seus comandantes a necessária autonomia das manobras, baseada na visão dos seus generais.

A “Muralha do Atlântico” não era uma novidade. Fora concebida na 1ª Guerra Mundial, onde uma rede de pontos fortificados apoiava-se mutuamente. Já a Linha Siegfried, posição fortificada alemã, fora construída em 1936, como resposta à Linha Maginot dos franceses, porém só foi colocada à prova no final de 1944, quando os aliados tentaram romper a posição.

Foram construídos três tipos de defesa costeira: o Ninho de Resistência, destinado a defesa antitanque e infantaria; as trincheiras de comunicações, com abrigos antiaéreos e cobrindo os pontos-cegos; e os Pontos



Fortificados, formando um núcleo de armas pesadas (artilharia, montada em nas casamatas de concreto).

As armas pesadas eram cercadas por metralhadoras, armas anti-tanque e/ou antiaéreas. Os portos de Östende e Dieppe eram defendidos como Pontos Fortificados. Os principais portos, onde seriam os ataques mais prováveis, possuíam seus Setores de Defesa.

A Marinha alemã concentrou suas forças limitadas em Passo de Calais, nos principais portos e nas ilhas costeiras. A ideia era formar uma rede de defesa interligada de fogo contínuo, e espalhar pela costa radares da Marinha e da Força Aérea (*Luftwaffe*), sem, entretanto, ter comunicação direta com a artilharia do Exército, atrasando as respostas.

A partir de 1941, além dos batalhões de construção que já vinham trabalhando nessas obras, por falta de mão de obra os alemães foram obrigados a mobilizar trabalhadores franceses, no sistema do trabalho escravo. As instalações eram padrão, instaladas no subsolo, sem um mínimo de conforto para seus ocupan-

tes, todas com uma saída de emergência e uma rota de fuga, sendo as suas portas estanques a armas químicas. Seus tetos não podiam ultrapassar de um metro acima do solo, para evitar problemas decorrentes da infiltração de água.

As diversas instalações foram cobertas com terra ou grama e possuíam silhueta reduzida. As superfícies expostas eram camufladas com tinta, texturização ou proteção com redes de camuflagem. As torres de observação eram disfarçadas como construções locais, com tetos falsos, janelas e portas pintadas. Sempre que possível, as fortificações eram disfarçadas em casas, igrejas ou outras construções. Era comum as fortificações serem embutidas em rocha. Casamatas foram construídas especificamente para a instalação de depósitos de suprimento todas as classes, instalar hospitais e enfermarias.

Durante o ano de 1943, somente na França foram usados dezoito Batalhões de Construção, cinco Companhias de Perfuração de Rocha, duas Companhias de Instalação de Minas, e foram usados cerca



de 30.000 comunistas espanhóis; na Holanda 20.000 homens foram recrutados para trabalhar nas construções. Ainda em maio, aproximadamente 260.000 trabalhadores foram empregados pelos alemães nas suas fortificações, dos quais apenas 10% da mão-de-obra empenhada eram de alemães. Muitos dos homens recrutados pelos alemães estavam ligados à Resistência Francesa, os quais foram muito úteis como informantes dos aliados. Até projetos de fortificações caíram nas mãos do serviço secreto britânico, através deles.

Com o trabalho ainda por terminar, em junho de 1944, o marechal Rundstedt transferiu todos os trabalhadores existentes em sua área para empregá-los na recuperação das ferrovias francesas. Além de todas as dificuldades, somente 20% do concreto destinado as fortificações chegavam às mãos dos alemães.

PEDRAS NO CAMINHO

Um dos grandes problemas para os alemães foi o armamento,

considerando a falta de padronização de suas unidades. Na Linha Siegfried as armas eram padronizadas.

A partir de 1944, os alemães contavam com uma variedade muito grande de armas capturadas do inimigo, de fabricação estrangeira, além das de fabricação nacional. Ao todo, as armas utilizadas pelos defensores da “Muralha do Atlântico” eram originárias de mais de dez nações. A diversidade do armamento significou reflexos no campo de fogo, limitados pelos padrões das seteiras ou canhoneiras, e provocou dificuldades no fornecimento de munição de artilharia: eram cerca de 30 calibres diferentes, variando de 7,5 cm a 40,6 cm.

No Dia “D”, no momento da invasão, das 15.000 fortificações planejadas pelos alemães, apenas 12.247 estavam concluídas, juntamente com 943 na costa mediterrânea. Cerca de 500.000 obstáculos foram plantados nas praias francesas, assim como cerca de 6.500.000 minas haviam sido colocadas no terreno. Dentro de uma mesma visão de



Adolf Hitler e Von Rundsted, Rommel concentrou grande parte dos seus esforços no Passo de Calais.

Os Aliados desembarcaram ao longo da costa de Calvados, onde apenas a metade das fortificações estava concluída. Embora a maioria dos canhões navais já estivesse instalada, apenas poucas seções da segunda linha estavam em condições de atuar.

Os Aliados, não podiam facilitar, desacreditando o inimigo responsável pela defesa da Europa Ocidental. Os alemães contavam com 60 divisões em condições de intervir. Cada uma delas com 14 a 21 mil homens.

Mesmo com os russos forçando a retirada alemã do Leste, Hitler estava convicto de que tinha condições de deter os soviéticos, antes de chegarem às fronteiras com a Alemanha. Assim, como acreditava conseguir a vitória na Frente Ocidental, sua estratégia era empurrar de volta ao mar toda a tropa que ousasse desembarcar em território ocupado pela Alemanha. Tinha consciência de que se os aliados conquistassem uma cabeça de ponte no continente

européu, a guerra estaria perdida. Era a visão de Adolf Hitler.

Do meado de 1943 até maio de 1944, os alemães já haviam aumentado suas forças no ocidente com mais de dez divisões, que já não eram mais completas. Com as divisões já em ruína, elas passaram a ter como unidade operacional o “grupo de batalha”, já sem a estrutura básica da divisão. Algumas das divisões alemãs já não contavam com a sua artilharia. Suas divisões blindadas (*Panzer*) já estavam carentes de combustível, dependendo de milhares de equídeos, destinados a tração. Muitas foram as bicicletas usadas para o transporte de soldados.

Algumas das suas divisões *Panzer* chegaram à Bélgica e à França, na primavera de 1944, após confrontos com os pesados blindados dos soviéticos, em 1941. Os alemães contavam com os *Panther*, os *Tiger* e os *Königstiger*, imunes aos canhões dos carros de combate aliados quando a mais de 200 metros de distância, enquanto possuíam capacidade de atingir o alvo a um alcance de cerca de 1.000 metros. Com o avanço soviético, Hitler foi levado a



transferir muitos dos seus *Panzer* para o leste.

Em 6 de junho de 1944, os alemães contavam com 16.000 carros de combate na Frente Ocidental, grande parte grupada entre a Holanda e o rio Sena. Ao sul do Sena apenas uma divisão *Panzer* e duas unidades menores em Caen.

As outras seis divisões existentes na área dependiam de batalhões do Oeste (Batalhões *Ost*), constituídos de prisioneiros de guerra da Frente Oriental, anticomunistas russos ou voluntários para lutar pela Alemanha, ou, ainda, por aqueles que se declaravam comunistas para fugir dos maus tratos e ter o que comer. Sua motivação para combater os aliados era pouca.

A situação da Alemanha era crítica. As perdas forçavam novas convocações. Para suprir as necessidades, os alemães começaram a usar trabalhadores estrangeiros como substitutos de operários nacionais, que eram mobilizados e incorporados às unidades desfalcadas. Os únicos voluntários eram vindos das SS, normalmente menores de 20 anos,

assim como passaram a ser mobilizados homens já idosos, ou mesmo doentes, para comporem as organizações estáticas. Voluntários alemães praticamente deixavam de existir. A situação era complicada ainda mais pelo colapso do sistema divisional. Ninguém mais sabia se uma organização combatente tinha os homens suficientes.

A 3ª Frota Aérea alemã e o 9º Corpo Aéreo, unidades de caça e bombardeiros, empenhados no Leste, estavam em situação semelhante. Dos 900 aviões previstos para a 3ª Frota, apenas 650 estavam em condições de emprego, contando ainda com mais 145 aeronaves na Noruega. O 9º Corpo Aéreo, que tentara bombardear os portos de embarque, no Sul da Inglaterra, no dia “D” retornaram para o continente com apenas 100 aeronaves.

Além dos combates, das 2.155 aeronaves perdidos pela *Luftwaffe*, 847 foram derrubados em acidentes, sem ação do inimigo. A falta de aeronaves não era o principal problema. Os alemães aumentaram a sua produção, mas o que faltava eram pilotos treinados. Por falta de



apoio aéreo, a Marinha alemã recolheu seus navios de superfície para os portos de origem e evitava a luz do dia.

No Leste os alemães mantinham três contratorpedeiros, cinco lanchas-torpedeiras, 34 canhoneiras, 161 caça-minas e 34 submarinos. No final de maio de 1944, o Almirante Karl Dönitz ordenou aos seus submarinos retornarem ao Atlântico. A Marinha alemã tinha planos para minar o Canal ao primeiro sinal de invasão, mas dependia da *Luftwaffe*, que se recusou a ajudar.

O MORAL DAS FORÇAS ALEMÃS

Não era bom o moral das forças alemãs no leste europeu. Passados muitos meses, ou mesmo anos, na expectativa de um confronto com os aliados, as tropas relaxaram, e os soldados estavam mais preocupados com a comida, com o vinho e com as mulheres francesas, bem como tiveram que enfrentar o efeito deletério

do desprezo e, muitas vezes, da desobediência pura e simples da população local.

A crescente atividade da Resistência Francesa fazia os alemães viverem em sobressalto e inseguros, nos países ocupados. As ordens eram para combater a Resistência ou os comandos inimigos sem clemência, mesmo que tentassem se render. Com o tempo, sentindo a realidade, foi ficando difícil para os soldados alemães atirarem a sangue frio. Apenas as SS passaram a assassinar prisioneiros, mesmo quando desarmados.

Na Frente Ocidental os alemães contavam com soldados de várias nacionalidades (russos, ucranianos, húngaros, etc.) lutando ao lado da Alemanha, os quais, de certa forma, eram evitados pelos soldados alemães. Alguns deles não encontravam razões étnicas ou ideológicas para desprezar os britânicos, americanos e mesmo os franceses. A ordem era “[...] lutar até a morte”, mas nem todos estavam imbuídos desse espírito de sacrifício.



OS SEGREDOS DA GUERRA - PLANOS ROUBADOS

Embora na Conferência de Casablanca, realizada em janeiro de 1943, Roosevelt já houvesse concordado em adiar uma invasão à França até 1944, os chefes de estado-maior britânicos e americanos reunidos começaram a planejar a operação, iniciando pela análise do desastroso ataque a Dieppe, cuja primeira conclusão era de que não deviam ser desconsideradas as forças de defesas alemãs ao longo da costa francesa. A operação exigia uma imensa concentração de forças para um único ataque inicial, que deveria garantir uma cabeça-de-ponte que serviria de base para o desembarque, criando uma área de reunião e suprimento para o prosseguimento da operação.

Para os alemães, em seu estudo de situação, o desembarque aliado seria na região de Calais, onde a travessia seria mais curta, apenas 35,4 km. Na região existiam boas praias e três grandes portos: Dunquerque, Calais e Boulogne. Para Adolf Hitler o ataque seria na região entre Dunquerque e o Somme.

Os aliados por sua vez, em seus estudos de estado-maior, encontraram uma região com várias praias adequadas, em uma baía protegida, na costa norte da Normandia, entre o estuário do Orne e o pé da Península do Cotentin. Contudo, o local carecia de bons portos. A solução encontrada foi a construção de portos com peças pré-fabricadas, que seriam rebocadas através do Canal da Mancha.

Uma vez conquistada a cabeça-de-ponte, as forças aliadas poderiam rumar para o oeste cortando a Península do Cotentin e tomando o porto de Cherbourg, seguindo-se os portos da Bretanha.

A Normandia era plana, favorecendo a construção de pistas de pouso, com boas estradas em direção a Paris e à fronteira alemã. Quanto ao local para o desembarque, estava longe de ser óbvio. Era o primeiro segredo a ser guardado.

A derrota da aviação alemã na Batalha da Inglaterra permitiu um bom reconhecimento aéreo detalhado da área prevista para o desembarque. Toda a linha costeira foi fotografada por voos exclusivos de reconhecimento, enquanto os bombardeiros



que voavam na região fotografavam a área. Utilizaram para isso duas câmeras, visando a produzir imagens estereoscópicas, que permitiriam construir modelos que mostrassem o formato do solo, as árvores, sebes e todos os demais detalhes do terreno, além das fortificações e os pontos fortificados que pudessem existir próximos às praias de desembarque e zonas de salto. As fotografias obtidas foram utilizadas para a instrução das forças de ataque e para a montagem de um mapa em escala de 1: 25.000.

O reconhecimento aéreo, além do que se havia planejado, veio revelar um segredo alemão: a bomba voadora V-1, que apareceu nas fotos, o que permitiu que os aviões aliados bombardeassem o centro de pesquisas em Peenenünde, no Mar Báltico, destruindo as plataformas de lançamento e atrasando a sua produção.

Em 1943, foi detectado o local de fabricação do chamado Canhão de Londres. Essa arma tinha um tubo muito longo (120 m), disparando 25kg de explosivo a mais de 160km de distância. A 1ª Força Aérea dos

Estados Unidos destruiu o local e o projeto foi abandonado.

No desembarcar das forças aliadas, para o desembarque da Normandia, seria necessário um reconhecimento aéreo, em altitudes elevadas, contudo, quis o destino que, no início de 1944, Herman Göering, comandante da *Luftwaffe*, transferisse seus aviões de caça para o território alemão, visando à defesa da Alemanha dos bombardeios aliados. Isso permitiu um reconhecimento a baixa altitude, quando os rápidos aviões Mosquitos obtiveram excelente resultado.

Por melhor que fossem os reconhecimentos aéreos os aliados necessitavam de maiores detalhes em relação às fortificações existentes na região prevista para o desembarque e conhecer, ainda, as condições em que se encontravam os combatentes que iriam ser enfrentados. Uma grande quantidade de informações sobre os locais de desembarque, salto e aterragem foi reunida, visando eliminar ou enfraquecer as forças inimigas, antes de desencadear a operação de desembarque. Seriam extremamente importantes para a elaboração de um plano



de operações detalhado para o dia “D”.

SABOTAGEM E ENSAIO

Em janeiro de 1944, uma unidade da Resistência Francesa realizou um ataque não autorizado, a um posto de comando alemão. Com apenas um de seus integrantes falando

alemão – uma imprudência e um risco grande para uma operação – a ação não obteve grandes resultados, pois a maioria dos documentos conseguidos

pelos franceses não tinha valor algum. Após uma seleção desses documentos em Paris, a cópia de um deles foi enviada a Londres, um relatório escrito por Rommel. Nesse documento o general criticava os trabalhos que vinham sendo realizados por não estarem adequadas para os fins a que se destinavam. As ameaças eram

tão estreitas que limitariam o campo de tiro dos canhões, ou eram tão pequenas que não permitiriam o recuo da arma. Limitariam a atuação da artilharia.

Os trabalhos foram realizados por mão de obra de franceses requisitados, pela força, para esse serviço, um “trabalho escravo” como foi denominado. Homens que deliberadamente

“cometeram enganos”, surrupiando projetos, correndo risco de vida; que erraram propositalmente na construção das fundações, enfraquecendo a

mistura do concreto, economizando material, e utilizando mais areia do que era necessário. Esse tipo de sabotagem foi realizado em escala muito mais extensa do que Rommel descobrira. Muitos desses patriotas franceses não chegaram a ver a sua Pátria libertada.



Simulacro de um blindado M-4 Sherman utilizado para iludir a espionagem alemã às vésperas da invasão da Normandia



Se os engenheiros responsáveis pelas obras descobriram os defeitos, evitaram comentários. Falar do assunto poderia significar prisão, transferência para a frente russa ou mesmo o fuzilamento. Um francês que trabalhava nas obras teve a oportunidade e a coragem de surrupiar a cópia de um projeto da construção das fortificações. O sumiço desse projeto jamais foi denunciado pelo oficial responsável. Medo?

Considerando que a construção da “Muralha” levaria muito tempo, Rommel optou pelo uso extensivo de minas, armadilhas e obstáculos, transformando as praias no que ele chamou de “jardim do diabo”, e concentrando o trabalho na região do Passo de Calais.

Na semana anterior ao dia “D”, Rommel voltou suas atenções para a costa da Normandia, o que colocou o Comando Aliado em alerta, pois, na realidade, pouco sabiam sobre as praias. Publicações turísticas sobre as praias anunciavam a existência de muitas trufas na região onde os aliados deveriam instalar um dos portos Mulberry.

O conselheiro científico do Quartel General, Prof. John Bernal, foi chamado e mandado verificar a resistência do terreno. Após a libertação de Paris veio a conhecimento que a sua informação foi protocolada e arquivada, em um armário, como “altamente secreta”, sem nunca ter sido usada. Não obstante, Bernal coletou todas as informações geológicas, biológicas e topográficas relativas às praias da Normandia, assim como das praias inglesas, confirmando que a praia de Brancaster, em Norfolk, possuía características semelhantes à da costa francesa, o que permitiu que, em dezembro de 1943, Grupos de Reconhecimento de Operações Combinadas, realizassem treinamentos com a finalidade de realizar o reconhecimento em praia inimiga durante a noite. Na oportunidade, realizaram o reconhecimento de minas e obstáculos abaixo da linha d’água no local, trabalho importante para as operações de desembarque.

Nesse momento os alemães andavam a procura de comandos aliados invasores. Com ordem direta do *führer* para eliminar, por fuzila-



mento, no local em que fossem encontrados. O patrulhamento alemão teve o seu lado positivo para os aliados, pois mostrava claramente aos observadores onde as praias não estavam minadas.

O reconhecimento da praia de Brancaster mostrou o que aconteceria se o bombardeio aéreo da Normandia ficasse aquém do alvo e criasse crateras na linha da praia. As grandes crateras que viessem a surgir seriam altamente prejudiciais à operação de desembarque.

A Operação Cockade alimentava os alemães com informações falsas relativas a um desembarque na costa Atlântica, forçando a permanência de tropas alemãs na Europa Ocidental. A tática central da inteligência aliada era manter os alemães com a ideia de um desembarque na região de Calais, levando-os a concentrar seus meios, naquela área.

Os aliados permaneciam atentos ao Passo de Calais, para terem a certeza de que os alemães ainda mantinham as suas tropas reunidas no local, assim como era importante o que se passava na região da Normandia.

Mesmo durante o dia, minissubmarinos faziam o reconhecimento das praias.

A ESPIONAGEM ALEMÃ

O sistema para decifrar códigos que os britânicos mantinham era de primeira linha. O primeiro desenvolvido foi o Ultra, em Bletchley Park, que decifrou as comunicações alemãs criptografadas pelo código Enigma. Seus técnicos eram capazes de dar conhecimento aos agentes de informações se os alemães acreditavam ou não na desinformação que divulgavam.

Os grupos rivais, na tentativa de aumentar seu prestígio junto ao *führer*, levavam a ele informações falsas ou distorcidas, fazendo Hitler acreditar que os aliados contavam apenas com 85 a 90 divisões disponíveis para a invasão, quando na verdade eram apenas 35.

O Serviço de Contrainformações Aliado inundava suas transmissões com mensagens sobre o fictício 1º Grupo de Exércitos dos Estados Unidos ou sobre o 4º Exército Britâ-



nico, o que era respaldado por relatórios de espões de nacionalidade alemã, que se misturavam aos estrangeiros fugitivos dos nazistas, na Grã-Bretanha.

As redes de espionagem alemãs haviam sido instaladas no Reino Unido antes mesmo da 2ª Guerra Mundial. Uma delas era constituída por empregados domésticos que informavam qualquer notícia ou conversa de importância que vissem ou ouvissem, cujo papel era desviar a atenção dos agentes profissionais do MI5 (inteligência militar) e da *Scotland Yard*.

Os agentes alemães passavam primeiro por uma escola especial situada em Hamburgo, onde aprendiam a se portar como ingleses e a criar uma aura de respeitabilidade, abrindo uma conta bancária ao chegar à Grã-Bretanha. Em seguida, deveriam comunicar à polícia a perda de sua caderneta bancária, informando seu valor, para parecerem pessoas respeitáveis. Mal sabiam que o seu principal instrutor, era canadense e se tornara agente duplo ao ser preso pelo MI6 (serviço secreto).

Ao iniciar a guerra Londres já conhecia uma vasta lista de agentes alemães na Grã-Bretanha.

Por sua vez os alemães haviam obtido algum sucesso na França ocupada, onde conseguiram capturar agentes britânicos e membros da Resistência Francesa. Assim, a necessidade de transmitir as informações aos *maquis* permitiu que os alemães descobrissem a data da invasão, contudo, os alemães estavam mais preocupados em rastrear e executar os integrantes da Resistência, sem interrogá-los.

Nesse momento Hitler ainda imaginava poder reverter a situação e vencer a guerra. Com os efeitos das bombas V-1, ao serem lançadas sobre Londres e as V-2 que, em produção, forçariam a Grã-Bretanha a render-se. Mal sabia ele que a produção de guerra aumentara em dez vezes desde 1940 e não havia crise de abastecimento.

Com a ideia fixa de um desembarque aliado na região de Calais, Hitler manteve o seu 15º Exército em sua posição, a mais poderosa



força de defesa, realizando a proteção do setor mais forte da “Muralha do Atlântico”.

O Plano de dissimulação do Dia “D” foi chamado de Bodyguard, dividido em duas partes: Zeppelin e Fortitude. O Zeppelin procuraria insinuar ao inimigo de que a ameaça estava ao sul ou sudeste da França, área sensível para os alemães, e os aliados tentariam convencer Hitler de que haveria um ataque anglo-soviético na Romênia, através do Mar Negro; simultâneo a um ataque anglo-americano em Trieste; e um britânico através da Grécia. A Hungria já tentara mudar de lado; a Bulgária e a Romênia procuraram fugir de seus compromissos com o Eixo, procuraram tirar o corpo fora.

Esse planejamento todo foi levado aos alemães por Elyesa Bazna, cidadão turco, que os alimentou de muitas informações. Após alguma desconfiança, os alemães acabaram acreditando na hipótese apresentada por Bazna, quando os britânicos começaram a fazer um alarido sobre a segurança de suas embaixadas. As atividades de Bazna eram conhecidas pela inteligência britânica e seus

agentes, com grande habilidade, fizeram chegar até ele malotes recheados de desinformações, o que levou os alemães a reforçarem o Báltico com 25 divisões, que deveriam estar defendendo a França.

O MI6 procurava, por todos os meios, convencer o Alto-Comando alemão de que viria uma invasão pela Noruega, contando com a Suécia, até então neutra, e que apoiaria os britânicos, permitindo ainda o desembarque na Dinamarca. Em prosseguimento, a partir da Escandinávia, haveria a invasão do norte da Alemanha.

Todas essas hipóteses preocupavam Adolf Hitler, mas, na realidade, não saía da sua cabeça um ataque na região de Calais ou da Bélgica. Quanto mais surgiam as informações, mais Hitler ia usurpando o comando dos seus generais.

O impulso principal da campanha era fazer Adolf Hitler acreditar que se os aliados fossem invadir a França, não poderiam fazê-lo antes de julho de 1944, o que o levou a acreditar que uma invasão na França só poderia acontecer a partir de ju-



lho. Possivelmente, o ataque ocorreria nos Bálcãs ou na Noruega, fazendo os alemães dispersarem suas forças, e Hitler mordeu a isca.

Como disse Von Rundstedt, “o ‘cabo da Boêmia’ (como ele chamava Hitler), tentaria agarrar tudo e acabaria por perder tudo”.

O DESESPERO DE ADOLF HITLER

Os aliados procuravam fazer Adolf Hitler sentir que estava cercado por todos os lados, sem saber onde e quando o inimigo atacaria. Assim como imaginava que o mais provável na invasão da França vinda em direção ao Estreito de Dover, no Passo de Calais, realizando, concomitantemente, alguns ataques diversionários em outros locais. Para Adolf Hitler era importante manter o seu 15º Exército em Passo de Calais, a espera da invasão aliada. Hitler confiava em sua intuição.

Von Rundstedt analisava o problema de maneira objetiva. Sua intuição dizia que o ataque seria em

Passo de Calais, onde os aliados poderiam contar com cobertura aérea, sem realizar um longo voo partindo dos aeródromos ingleses, o que permitiria maior permanência sobre o campo de batalha. Calais era o caminho mais curto em direção à Alemanha.

Rundstedt descartava a possibilidade de um ataque com carros de combates na Normandia, local onde Cherbourg e Le Havre fervilhavam com cargas de demolição. Uma frota de invasão que tentasse atravessar 160 km da costa inglesa, fatalmente seria detectada pelos radares e pelos aviões de reconhecimento alemães. Além disso, poderiam detonar as cargas de demolição no momento em que os aliados se aproximassem da costa da Normandia.

Com os aliados capturando Calais, Dunquerque ou Boulogne, não haveria tempo para os alemães explodirem todas as instalações portuárias. Em Calais seria diferente. Não haveria tempo para demolição.

O Almirante Theodore Krancke, comandante do Grupo Oeste da Marinha alemã, acreditava que os aliados necessitavam desembarcar



próximo a um porto. Qualquer ataque deveria acontecer durante a noite, na maré alta, para que pudessem navegar sobre os obstáculos. Seria um ataque distante das falésias e recifes e ondas de pelo menos dois metros. Com ventos superiores a 45 km/h e visibilidade mínima de 4.500 metros.

Rommel, por sua vez, discordava, pois, para superar os obstáculos da própria praia, os aliados teriam que desembarcar em maré baixa durante o dia claro, para que os sapadores pudessem explodir e remover obstáculos, assim como os aliados necessitariam conquistar um porto. Não sabia que, desde junho de 1938, os planejadores britânicos já pensavam nos portos flutuantes. Dwight D. Eisenhower, que se tornaria Comandante Supremo das forças aliadas, recordou certa vez que quando pela primeira vez, se pensou em porto flutuante, em 1942, durante uma reunião, a ideia foi considerada uma zombaria pelos americanos.

No quartel-general de Churchill havia a Seção de Controle de Londres, destinada a cooptar agentes alemães, em colaboração com o

MI6, o MI5 e um setor deste chamado Comitê XX. Esse comitê era destinado a cooptar os espíões, que, posteriormente, eram interrogados por uma equipe especial. O resultado era encaminhado às autoridades civis competentes, para julgamento. Esses espíões nem sempre eram bons agentes. Trinta deles, que, por um motivo ou outro foram considerados culpados por algum fato que colocasse em risco a segurança da operação, foram executados pelos britânicos, mesmo que alguns deles demonstrassem dúvidas quanto ao nazismo alemão ou sentissem que Hitler não era tão invencível assim. Como agentes duplos, seriam uma arma poderosa para alimentar Hitler com falsas informações.

Os britânicos tinham conhecimento de que o serviço secreto alemão estava em busca de informações, dando uma visão da tensão em que viviam nessa incerteza em relação a um possível desembarque aliado. As falsas informações passadas à inteligência alemã pelos agentes duplos eram respaldadas por interceptações das transmissões britânicas.



cas. Felizmente os aliados descobriram qual dos seus códigos havia sido decifrado pelos alemães, o que foi aproveitado despejando informações falsas para o inimigo, desviando a sua atenção da realidade aliada e levando a que fossem obrigados a dispersar seus Exércitos por várias regiões da Europa e fragilizando a região para onde estava dirigida a operação de desembarque aliado no norte da França.

Quando os Estados Unidos entraram na guerra, surgiu um problema: o chefe do FBI, J. Edgar Hoover, não se envolveu com o Comitê XX dos britânicos. Estes estabeleceram, em 1942, o Controle Conjunto de Segurança (JSC), nos moldes da Seção de Controle de Londres, enquanto Hoover criava um “Comitê XX” americano, conhecido por X2.

O JSC e o X2 lançaram uma campanha muito bem montada de desinformação somando-se ao que realizavam os britânicos. Hoover, em realidade um homem sério e competente, antes mesmo dos americanos entrarem na guerra já tinha em suas mãos uma relação elaborada

com os nomes de agentes alemães operando nos Estados Unidos, que pretendiam sabotar as fábricas norte-americanas.

Esses agentes eram apenas sete e alguns não falavam bem o idioma inglês. Ao passarem por Paris, em certo dia em que estavam completamente bêbados, foram ouvidos por integrantes da Resistência Francesa, que transmitiram os detalhes das missões dos agentes alemães ao MI6 britânico, que os retransmitiu ao FBI. Uma vez em terra norte-americana, dois deles se entregaram ao governo, oferecendo-se como agentes. Um deles, ao entrar em uma farmácia, cumprimentou o balconista com a saudação nazista, acabando preso e fuzilado. Em realidade foi o que aconteceu com todos os sete.

Os britânicos, em determinado momento, criaram em Edimburgo o quartel-general do 4º Exército britânico, pronto para ser transferido para a Escandinávia, que nada mais era do que um punhado de operadores de rádio enviando mensagens a serem captadas pelos alemães, através de código conhecido por eles.



Dois agentes duplos alemães deram detalhes da chegada de um oficial de ligação russo para coordenar um plano onde se previa uma investida soviética através da Finlândia, no mesmo momento em que o 4º Exército britânico, fictício, reforçado pelo também fictício 15º Exército norte-americano, estacionado na Irlanda do Norte, visando à invasão da Noruega.

O aumento do tráfego de rádio entre a Escócia e a Noruega convenceu os alemães de que algo estava para acontecer na região nórdica, no mesmo momento em que os soviéticos vazavam informações de estarem prontos para um ataque na Escandinávia e que haveria um ataque naval em Petsamo, no Ártico. O que de fato veio a ocorrer, na realidade, foi uma ofensiva soviética na Finlândia, em junho de 1944, coincidindo com o dia “D”; fixando, com isso, os alemães na região.

Os alemães pediram informações a três dos seus agentes sobre o fortalecimento das fronteiras norte, mas estes eram, na realidade, informantes da maior confiança dos bri-

tânicos, cujas informações permitiram que aeronaves germânicas sobrevoassem a Escócia sem que a RAF os perturbassem. Em suas incursões os observadores alemães conseguiram identificar várias aeronaves, sem perceber que eram de madeira e lona, estacionados em aeroportos fictícios, assim como um bom número de vasos de guerra da Marinha Real, que não se destinavam à Noruega, mas sim para a Normandia no Dia “D”.

Uma missão militar anglo-americana foi enviada à Suécia, visando um possível deslocamento de tropa para o mar Báltico, no mesmo momento em que os aliados aumentavam o reconhecimento aéreo e incursões de comandos para atuarem na costa da Noruega. O volume de tráfego de rádio dirigido à resistência norueguesa e dinamarquesa foi intensificado, enquanto foi desencadeado um ataque ao encouraçado alemão *Tirpitz*, e colocando a pique o navio de transporte de tropas *Danau* e alguns mercantes.

Uma visita fictícia foi realizada pelo ministro Anthony Eden a Moscou, em uma expectativa de invasão



à Escandinávia, o que convenceu Hitler de que haveria um ataque nessa região, obrigando os alemães a manterem cerca de 372.000 homens naquela região, que, no fim da guerra, vieram render-se aos aliados sem dispararem um tiro sequer.

Enquanto isso, o fictício 1º Grupo de Exércitos norte-americano se reunia no sudeste da Inglaterra, como se fosse desembarcar em Calais. Notícias foram divulgadas pelo próprio FBI, através de agentes triplos. Um deles, Albert van Loop, havia estado em Madrid, onde contatou a Embaixada americana e ofereceu os seus préstimos. Para comprovar os seus propósitos, entregou duas chaves criptográficas. O FBI sabia tratar-se de um agente alemão e mandou-o para Nova York, onde usou um de seus agentes que, fazendo passar-se pelo holandês, enviou informações de unidades reais norte-americanas enviadas pelo Atlântico visando serem empregadas no Dia “D”, mas que, na Inglaterra, acabariam com a notícia na imprensa. Simultaneamente, agentes duplos do MI6 e FBI fabricavam relatos fictícios, assim que perceberam

que os alemães acreditaram nas afirmações dos agentes aliados. O logro foi tão grande que o agente duplo britânico Garbo acabou recebendo 20.000 libras dos alemães para liderar uma operação de espionagem dedicada a espionar uma rede aliada que inexistia.

A Resistência Francesa foi uma grande supridora de informações importantes para o Comando Aliado em Londres, apesar das dificuldades construídas com as “áreas proibidas”. Seus agentes viajavam pelas áreas periféricas, conversando com moradores locais, que testemunhavam a construção das fortificações. Muitos militares alemães eram alojados em casas de família, que, como hospedeiros involuntários, iam criando intimidades com o inimigo, ouvindo conversas, às vezes regadas a vinho, de onde surgiam informações importantes, que eram transmitidas à Resistência e, posteriormente, ao MI6. Eram informações dando conta de que determinados armamentos não haviam chegado, a munição disponível e outras mais.

Com essas informações os Aliados criaram uma imagem detalhada



do que enfrentariam quando o Dia “D” chegasse. Segundo se diz, esses informantes anônimos chegavam a cerca de 50.000 homens (ou mulheres). As informações eram tão detalhadas que permitiram que os soldados aliados pudessem ensaiar o ataque usando réplicas criadas em campos de treinamento.

É interessante lembrar aqui a pessoa de René Ducheze, pintor e decorador contratado para realizar um trabalho no escritório na Organização Todt, em Caen. Ducheze roubou os planos da Muralha do Atlântico que encontrou no escritório referente a fortificações, assim como procurou ouvir as conversas e discussões sobre os métodos de construção. Com isso, muitas vezes guardou no bolso esquemas rabiscados por engenheiros que procuravam mostrar os erros de suas sugestões. Nos finais de semana, Ducheze saía de bicicleta com um grupo de crianças para um passeio ao longo da costa, observando as fortificações e produzindo mapas, que enrolava e guardava no guidão. Ducheze foi traído mas conseguiu escapar da Gestapo, ao contrário de

sua esposa, que acabou sendo enviada para o campo de concentração de Mautthausen.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A responsabilidade pela derrota alemã na Batalha da Normandia (e no restante da guerra) pode ser atribuída à pessoa de Adolf Hitler, que, em vez de delegar o comando de suas tropas aos seus generais, preferiu dirigir a batalha do seu quartel-general, localizado na Prússia Oriental. Repetia Stalingrado, quando assumiu o comando de um Grupo de Exércitos nas margens do Volga, estando no Mar Báltico, usando apenas mapas. Ao chegar à França, nunca esteve a menos de 240 km da linha de frente.

No dia 6 de junho, Dia “D”, uma resposta rápida ao desembarque aliado foi adiada porque o *führer* estava dormindo. Ao acordar não permitiu que os *Panzers* se deslocassem até o final da tarde, quando então os céus da Norman-



dia já estavam limpos e os blindados já não poderiam se mover, face o risco de serem atacados pela aviação Aliada.

Naquela tarde Hitler ordenou o emprego das armas V-1, contra Londres, o que não obteve um bom resultado. Necessitariam seis dias para transferir os lançadores dos depósitos camuflados para a costa do canal, além do fato de as V-1 não serem armas confiáveis. No primeiro dia foram lançadas vinte e uma delas: quatro caíram imediatamente, três caíram em campo aberto e uma destruiu uma ponte ferroviária. Das 8.000 lançadas no mês seguinte, apenas 24% atingiram seus alvos. Com os Aliados desembarcando tropas nas praias da Normandia, seria mais lógico usar as V-1 contra a cabeça de praia, os portos Mulberry ou os portos fixos.

Enquanto Adolf Hitler atrapalhava seus comandantes, Churchill e Roosevelt, embora tivessem suas ideias e suas dúvidas, não importunaram os generais. Mesmo Eisenhower, Comandante da Força Ex-

pedicionária Aliada (SHAEF), deixava as decisões para seus subordinados. Quando seu assessor Naval, Harry Butcher, foi até seu reboque-alojamento, no Dia “D”, para lhe informar do desembarque, encontrou-o lendo um livro. Ao receber a notícia, dirigiu-se à tenda que abrigava o Quartel-General onde funcionava o centro de operações do SHAEF e, juntamente com Montgomery, aguardou a informação de que a cabeça de praia estava segura. Mais tarde redigiu uma mensagem informando ao general Marshall, seu superior, da vitória alcançada.

Após informar ao general Marshall que estava tudo bem, visitou o general Bradley, que se preparava para atravessar o canal, seguindo depois ao encontro do almirante Ramsay para informá-lo do sucesso, seguindo-se uma pequena entrevista com uns poucos jornalistas.

Os comandos aliados haviam aprendido as lições do Exército alemão, com o emprego de seus blindados em sua *Blitzkrieg* no início da guerra, coordenando o emprego dos blindados juntamente com as



tropas de infantaria e o apoio aéreo, assim como os assaltos aerotransportados, enquanto Adolf Hitler parece que esqueceu os ensinamentos dos seus generais.

Depois de retardar os contra-ataques do general Von Rundsted, Hitler ordenou que não houvesse mais retiradas, apesar dos conselhos que lhe foram dados pelos seus experientes comandantes, além de determinar um combate estático ao invés da guerra móvel e aberta, aperfeiçoadas pela *Blitzkrieg*.

Após o desembarque aliado, as forças alemãs tiveram tempo para reair até o Sena e organizar uma forte posição defensiva, mas Hitler não permitiu, pois continuava com a ideia fixa em relação ao desembarque em Calais. Os blindados foram sendo libertados por Hitler em doses homeopáticas, com suas tropas permanecendo em posição sem ordem para recuar, até serem destruídas ou encurraladas. As divisões de infantaria tiveram o mesmo destino. As tropas que conseguiram escapar retiraram-se a pé, até serem aprisionados pelos americanos, e, no momento em que as

tropas aliadas chegaram próximo à fronteira alemã, no início de setembro, não houve mais resistência organizada.

O poder aéreo foi decisivo para os Aliados. A Força Aérea alemã poderia ter desafiado os Aliados se tivesse empregado mais Messerschmitt Me-262, segundo os entendidos. O uso do primeiro avião militar de ataque a jato como avião de caça também foi retardado por Adolf Hitler, que insistiu que a aeronave fosse desenvolvida como bombardeiro.

Autores enaltecem o carro de combate Tiger alemão como superior aos carros aliados, mas isso não quer dizer que os M-4 Sherman, os M-12, os Crusader A15, os Churchill MK VIII, os T-34 ou os T-44 não fossem bons carros de combate.

Em maio de 1943, os submarinos alemães já estavam acuados, sendo obrigados a se retirar do Atlântico, restando muito poucos para ameaçar o desembarque na Normandia.



Embora os alemães possuíssem um bom serviço de informações, os Aliados não ficavam atrás, funcionando de forma integrada, destacando-se, a nosso ver, o serviço de informações da Grã-Bretanha, mas devendo ser reconhecida também a atuação dos franceses nesta área, mesmo com os riscos de um país ocupado por um inimigo cruel e violento.

Chama também a atenção o desempenho de muitos jovens que desembarcaram no Dia “D” nas praias da França, muitos dos quais soldados inexperientes que nunca haviam entrado em ação, contudo, muito bem treinados e incentivados para desenvolverem seu espírito de luta.

Cabe destacar que, quando as coisas iam dando errado no início da batalha, as tropas aliadas não tiveram dúvidas ou receio de demonstrar iniciativa, como o fez o General Roosevelt, que não titubeou em abandonar um plano cuidadosamente preparado quando ficou claro, que a situação na praia não lhe era favorável. Os próprios generais Patton e Montgomery não

titubearam em desobedecer às ordens quando perceberam que não havia outra solução.

Do outro lado combatia um exército experiente com comandantes capazes, mas sob o comando de um chefe autoritário, centralizador, sem diálogo com seus subordinados, dono da verdade, com uma tropa contaminada pela desilusão, comandada por um líder que pouco se importava com a morte dos seus homens, como demonstrou em Stalingrado e Kursk. A desilusão e a proximidade com a morte faziam com que os alemães ficassem felizes quando eram aprisionados, assim como muitos soldados, não alemães, europeus orientais, que pouco conheciam dos objetivos do povo germânico. Matavam para não morrer e davam graças quando caíam prisioneiros, não tendo pejo em divulgar todos os dados úteis a aqueles contra quem lutavam.

O episódio histórico da invasão da Normandia transmite uma assertiva, uma afirmação: guerra não se improvisa. Requer um estudo de situação rigoroso e deta-



lhado, realizado por militares inteligentes e competentes sob a liderança de um comandante de visão ampla e determinação, que saiba analisar o inimigo sob todos os seus aspectos, e tomar a decisão acertada, no momento correto, não se posicionar como o dono da verdade nem ser dominado pelas suas vaidades. Saber ouvir o seu Estado-Maior, saber dizer não e ter a sensibilidade e a firmeza para mudar de opinião. Deverá saber quanto atacar, quando retrair, quando permanecer na posição.

Após o estudo de situação, depois de organizar toda uma estrutura para realizar a operação destinada a atingir o objetivo determinado, o comandante após toma a sua decisão e deve saber o momento exato para o desencadeamento da operação, com toda uma estrutura funcionando em benefício da conquista do objetivo definido.

No momento em que a indecisão grassava, em relação de atacar imediatamente ou transferir a Operação Overlord para depois, Eisenhower perguntou a Montgomery

sua opinião, que se manifestou favorável a desencadeá-la. Eisenhower se concentrou e, após minutos de reflexão, deu o sinal verde para o ataque. Chegada a hora, apenas disse: “*Está bem*”. E permaneceu aguardando informações para definir a hora do lançamento da operação. Ao receber as informações sobre o tempo, estabeleceu a partida para as 4 horas, e apenas acrescentou: “*vamos lá...*”. O resultado foi registrado pela história como a maior operação anfíbia jamais realizada. A Europa começou a ser libertada das garras do nazismo.

BIBLIOGRAFIA

AMBROSE, Stephen E. *O Dia D - 6 de junho de 1944: a batalha culminante da Segunda Grande Guerra*. São Paulo: Bertrand Brasil, 2002.

BEEVOR, Anthony. *Dia D - a Batalha Pela Normandia*. Record: Rio de Janeiro, 2010.

RYAN, Cornelius. *O mais longo dos dias*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2004.

THOMPSON, R.W. *O dia “D”: ponta de lança da invasão*. Rio de Janeiro: Renes, 1973.